



Repensando a Sala de Aula: um olhar ergológico

Vanessa Carla de Freitas – vcarladefreitas@gmail.com Universidade
Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo

Este artigo é um fragmento de dissertação. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, com o objetivo de compreender os desafios da docência na sala de aula do ensino superior em administração na UFES por meio de um olhar ergológico. Este estudo foi realizado na UFES, com docentes do departamento de administração. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e observação e analisados por meio de análise de conteúdo, resultando em quatro categorias: Condições de trabalho na universidade; Relação com os alunos; Recursos usados na sala de aula e Posicionamento na sala de aula. O cenário apresentado por essas categorias demonstra que a sala de aula no contexto do ensino superior, por sua natureza complexa, possui desafios que precisam ser enfrentados, como: atuar na diversidade, adequar-se às realidades sociais e tecnológicas. A contribuições deste estudo são chamar a atenção para a sala de aula, apresentando-a para além do espaço físico; repensar a visão padronizada da sala de aula, e olhar para as realidades e desafios dessa. Além disso, este estudo espera despertar a reflexão sobre os caminhos do ensino superior e sobre a valorização do trabalho docente.

Abstract

This article is a dissertation fragment. This is a qualitative, descriptive study, with the aim of understanding the challenges of teaching in the classroom of higher education in administration at UFES through an ergological look. This study was carried out at UFES, with professors from the administration department. Data were collected through semistructured interviews and observation and analyzed through content analysis, resulting in four categories: Working conditions at the university; Relationship with students; Resources used in the classroom and Positioning in the classroom. The scenario presented by these categories demonstrates that the classroom in the context of higher education, due to its complex nature, has challenges that need to be faced, such as: acting in diversity, adapting to social and technological realities. The contributions of this study are to draw attention to the classroom, presenting it beyond the physical space; rethink the standardized view of the classroom, and look at its realities and challenges. In addition, this study hopes to awaken reflection on the paths of higher education and on the appreciation of teaching work.

Palavras-chave: Docente, Ergologia, Sala de aula.

Keywords: Teacher; ergology; classroom.

INTRODUÇÃO

A sala de aula é para alguns é um lugar de crescimento, de desenvolvimento, de aprendizagem, de construção de laços afetivos. Para outros, representa um ambiente de

repressão, de ansiedade e sofrimento. Portanto, os significados atribuídos são diferenciados de sujeito para sujeito. A própria imagem do docente é controversa, dependendo da experiência vivida pelo sujeito; um amigo para uns e feitor para outros. A percepção dos docentes sobre suas turmas é carregada de expectativas, cada nova turma traz consigo novas experiências, positivas e negativas.

Por outro lado, estar na sala de aula não é algo simplório, exige mais que o conhecimento prático, é preciso estar preparado, ter uma formação didática e pedagógica. Devido à natureza complexa e desafiadora, este ambiente exige que ambos, docentes e discentes, cooperem e direcionem a forma como o ensino acontecerá. A sala de aula e o professor estão intimamente conectados, e são igualmente vistos por uma lente de estereótipos, de desrespeito, mas também, pela igual missão de auxiliar na formação social e intelectual das pessoas.

Posto isto, o objetivo deste artigo é retratado no problema de pesquisa: quais os desafios enfrentados pelos docentes nas salas de aula de administração na UFES por um olhar ergológico? Esse objetivo contribui para os estudos organizacionais ao apresentar a sala de aula para além do espaço físico, permitindo assim, uma reflexão sobre a percepção padronizada, estereotipada desse ambiente, em todos os seus níveis educacionais, de modo especial, o ensino superior, a fim de lançar um novo olhar sobre a sala de aula, suas realidades e desafios. Além disso, essa reflexão repercute em outras dimensões do ensino superior, como a formação e valorização do trabalho docente.

Para atingir o objetivo anteriormente mencionado, este artigo está organizado da seguinte maneira: após esta introdução segue o tópico docência; a sala de aula e a ergologia. Após são apresentados os caminhos metodológicos, análise, discussão e as considerações finais.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO Docência

O papel da docência na construção dos sujeitos é inegável, seja a docência profissional – escolar – como à doméstica – familiar. A origem do termo docência vem do latim *docere*, é pode ser entendido como ensinar (VEIGA, 2006; NÖRNBERG; FORSTER,2016). Dessa forma, a família e as pessoas próximas dos discentes exercem uma docência informal, quando ensinam padrões comportamentais, valores religiosos, sociais, morais. Apesar disso, a docência é comumente entendida como o trabalho do docente (VEIGA, 2006, FÁVERO; PASINATO, 2013, NÖRNBERG; FORSTER,2016).

Por outro lado, a docência enquanto profissão formal no Brasil, teve o seu marco como classe trabalhadora por volta de 1980, quando os professores começaram a travar as primeiras lutas e movimentos na busca do reconhecimento da profissão (PASCHOALINO, [2006?]). Segundo Nóvoa (2007), esse momento foi favorecido pela intervenção do governo na substituição da Igreja na tutela do ensino, que até então, estava vinculado a imagem dos sacerdotes da Companhia de Jesus e demais religiosos que geriam o processo de transmissão do ensino (DASSOLER; LIMA, 2012). Segundo os autores supracitados, ainda existe na educação atual fortes resquícios dessa maneira de educar.

Todavia, a educação superior, diferente do ensino fundamental e médio, é conduzida por docentes que podem ou não ser formados em cursos de licenciatura (RABELO, 2016; BERNARDO, 2006). Dessa forma, o profissional de educação tem um sentido amplo, abarcando a todos, com ou sem licenciatura, que exercem o trabalho de

ensinar (DASSOLER; LIMA, 2012). Há médicos, engenheiros, administradores que são docentes nos cursos de suas áreas, sem uma formação de licenciatura.

Além disso, segundo Libâneo (2002), a sociedade e a própria docência mudam com o tempo, a forma de se comunicar, a tecnologia, os paradigmas do conhecimento sofrem transformações. Dessa forma, a docência se vê obrigada a acompanhar essas mudanças tecnológicas e sociais, a reinventar-se para superar as dificuldades. Com isso, surge a necessidade de complementar a formação docente e incluir elementos do social, cultural, da qualidade de vida, meio ambiente as metodologias didáticas e pedagógicas (LIBÂNEO, 2002; OLIVEIRA, D. A, 2004; MEDEIROS, 2007).

Portanto, segundo Silva e Borba (2011), a docência pode ser entendida como uma atividade complexa, repleta de expectativas. Segundo os autores, há as expectativas dos alunos que esperam do professor respostas, que desejam obter daquela disciplina uma formação pessoal e profissional. Por outro lado, há as expectativas do docente, que almeja que o estudante se empenhe no processo do desenvolvimento do conhecimento, crie a sua própria forma de aprender (SILVA; BORBA, 2011; MASETTO, 2003; DE VINVENZI, 2012). Essas expectativas se encontraram e manifestam no mais famoso e talvez mais complexo ambiente de trabalho do professor, a sala de aula. Ao entrar em uma sala de aula uma das poucas certezas que o docente tem é que a aula deve ser ministrada e que desafios aparecerão e deverão ser superados. **A sala de aula**

O ambiente acadêmico é exigente, demanda preparação contínua, investigação de novos conhecimentos, posturas, formas de aproximar o aluno do conhecimento (BERNARDO, 2006). Portanto, é indispensável que os docentes não tenham somente o conhecimento teórico, a prática do exercício de ministrar aulas, de auxiliar o aluno deve ser desenvolvido durante a formação e renovado durante toda a vida profissional desse docente (FIORIN, 2001; LIBÂNEO, 2002; VEIGA, 2006; SILVA; BORBA, 2011; JOOSTEN, 2013; GONÇALVES; ROCHAEL, 2015).

No entanto, muitos docentes do ensino superior não possuem formação pedagógica, exceto os da área da educação. Dessa forma, grande parte dos professores universitários são habilitados para ministrar aulas na graduação após a realização de uma pós-graduação, que pode ou não ser na área de graduação do docente (DE MEDEIROS, 2008). São profissionais que têm como profissão as suas formações acadêmicas e a docência como uma outra opção (LIBÂNEO, 2010?). Evidentemente, que este fato não torna estes docentes menos capazes, porém, torna urgente que os cursos de pós-graduação ofereçam aos seus estudantes uma formação pedagógica e didática de excelência (BERNARDO, 2006; RABELO, 2016).

Em outra perspectiva, Fávero e Pasinato (2013) argumentam que uma das funções do docente é o de mantenedor da ordem. Uma vez que as turmas não são iguais, não é todos os dias que os alunos se sentem estimulados, ou até mesmo, compreendem a razão pela qual devem cursar aquela disciplina e desmotivados tumultuam o ambiente estudantil, o que torna necessário a presença de alguém que tome o controle e esclareça o objetivo da aula, estimule o desenvolvimento do conhecimento (LIBÂNEO, 2002; SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012; NÖRNBERG; FÓSTER, 2016).

A sala de aula é um território performático (DELMAR, 2012; SANTANA, 2013), Portanto, é mais do que o prédio, o espaço físico, é onde o conhecimento se apresenta (LIBÂNEO, 2002; SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012; NÖRNBERG; FÓSTER,

2016). Assim, para atuar nesse espaço é preciso lidar como a diversidade de percepções, subjetividades, tempos de aprendizagem e culturas, etc. (FIORIN, 2001; DELMAR, 2012). Analogamente, exige esforço, atenção, criatividade, sair do monólogos, com expressões complexas, onde o professor passa o seu conhecimento e o aluno desprovido do saber o recebe (FIORIN, 2001; DELMAR, 2012). Segundo Grillo, (2001), Libâneo (2002) e Santana (2013), é necessário que o professor compreenda às necessidades da sua turma e busque formas de envolver essas diversidades na produção do conhecimento. **A ergologia**

A Ergologia é uma abordagem multidisciplinar, que busca analisar o trabalho para além de uma visão externa, mas também interna, através da ótica dos trabalhadores (SALES, 2017). Em vista disso, a abordagem indica que em cada atividade de trabalho escolhas são feitas por parte dos sujeitos, os quais fazem uso dos valores e vivências na realização das atividades de trabalho (SALES, 2017; SCHWARTZ, 2000; SIVADON, 1957). Para a ergologia o trabalho é transpassado por elementos históricos, conhecimentos e experiências desenvolvidos dentro e fora do trabalho (SCHWARTZ, 2000; SIVADON, 1957).

Dentro dessa perspectiva, segundo Schwartz e Durrive (2007), a abordagem ergológica busca compreender as brechas existentes entre os aspectos predeterminados do trabalho e a maneira como efetivamente o trabalho realiza-se. Sales (2017) ressalta que segundo a abordagem a realização de atividades de trabalho não é jamais a execução alienada de uma ação, mas um processo contínuo de negociação.

Dessa forma, o sujeito negocia consigo mesmo, a respeito dos usos que fará das experiências e habilidades desenvolvidas ao longo da vida, uso de si por si (SCHWARTZ, 2000; SIVADON, 1957; SALES, 2017). Similarmente, segundo os autores anteriormente citados, o sujeito negocia com o grupo de trabalho, com a organização, com a sociedade sobre os usos que serão feitos dessas experiências e habilidades colocadas a serviço de outros, uso de si pelos outros (NOURAUDINE et al., 2004). Segundo Schwartz (2000), Schwartz (2007), Sivadon (1957) e Sales (2017) esses usos estão associados um ao outro e acontecem conjuntamente durante a realização das atividades laborais, essas enquanto atividades que são atribuídas e esperadas dentro do tipo, ramo profissional observado.

Outrossim, segundo a abordagem, essa negociação realizada pelo sujeitos na realização do trabalho envolve a relação do sujeito com a norma que existe de forma prescrita dentro da organização e a forma como efetivamente essa pode ser realizada no cotidiano do labor (SCHWARTZ, 2000; SIVADON, 1957; SALES, 2017). Os conceitos fundamentais normas precedentes e renormalização, respectivamente, a prescrição e homologação de como o trabalho deve ser feito e as alterações feitas pelos trabalhadores para que o trabalho seja possível de ser realizada, são fundamentais para compreender os caminhos do trabalho (SALES, 2017).

Nessa mesma ótica, os saberes que o trabalhador evoca ao realizar cotidianamente suas atividades de trabalho é o que torna o trabalho possível e vivível (SCHWARTZ, 2000). Segundo Trinquet (2010) três são os polos dos saberes: os constituídos – são os conceitos, habilidades, conhecimentos acadêmicos, competências exigidas para a realização de um tipo de trabalho, o trabalho prescrito; os investidos – são os desenvolvidos por meio da prática da realização da atividade, situados em tempo e espaço, o trabalho real; os processos socráticos – são construídos e investidos por meio da busca pela compreensão do trabalho, pela sintonia com ele.

Dessa forma, segundo Sales (2017), a ergologia é uma abordagem adequada para pensar o trabalho docente e a sala de aula, pois não entende os sujeitos como somente realizadores de atividades mas como parte constituinte do meio laboral. Ainda segundo a autora, a ergologia é muito recomendada para estudar o trabalho docente e os temas que o circundam devido o professor aprender a realizar o seu trabalho no nível superior por meio da prática laboral, em razão de não ter uma formação pedagógica, licenciatura, as habilidades são desenvolvidas através dos saberes constituídos e investidos.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo é um fragmento da dissertação da autoria, trata-se de um estudo qualitativo, o qual tem por particularidade descrever ou explicar as características observáveis do fenômeno estudado (PRADANOV; FREITAS, 2013). O procedimento técnico utilizado foi o estudo descritivo, que descreve, classifica e interpreta os elementos do fenômeno, sem a intenção de explicar o porquê (TRIVIÑOS, 1987; VIEIRA, 2002; DANTON, 2002).

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, no departamento de Administração. Participaram da pesquisa os professores do departamento, os quais foram selecionados por acessibilidade. Os convites foram realizados via *e-mail*, buscando abranger professores das diversas áreas que compõem o curso de graduação, por exemplo: finanças, teoria organizacional, marketing, operações, etc. O procedimento de convite foi repetido até alcançar um número aceitável de participantes, resultando em seis participantes, porém, durante o andamento da pesquisa um dos participantes deixou o estudo, devido incompatibilidade de horários.

O presente estudo foi aprovado pelo comitê de ética da instituição, visto ser um estudo que envolve seres humanos, conforme determina a Resolução nº466 de 2012 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2012). Dessa forma, todos os participantes do estudo deram o seu consentimento por meio da assinatura do Termo de Livre Esclarecimento (TLE), conforme estabelece a resolução acima mencionada (BRASIL, 2012). Assim, foi garantida a todos os professores a possibilidade de desistir de participar do estudo a qualquer momento.

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturada, que conforme Brinkmann (2018) é a ferramenta de pesquisa mais utilizada dentro dos estudos sociais em virtude de permitir a obtenção de dados detalhados sobre o fenômeno através da fala e percepção dos sujeitos (BREAKWELL, 2010). Segundo Brinkmann (2018) a entrevista semiestruturada, faz um uso das capacidades dos sujeitos, expressas de forma dialógica, ofertando uma oportunidade aproximação das vivências dos participantes (PRADANOV; FREITAS, 2013). No entanto, essa forma dialógica informal, característica do instrumento, não deve ser confundida com desleixo, ou ausência de rigor, mas ao contrário, há a exigência de uma preparação prévia por parte do pesquisador, preparando para as situações que podem surgir durante a aplicação do método.

Ademais, concomitantemente com a entrevista foram realizadas observações nas salas de aula dos docentes participantes, com o propósito de obter maior contato e conhecimento com o ambiente da pesquisa e as realidades que o cercam. De acordo com Zanelli (2002) e Ferreira, Torretilha e Machado (2012) a observação aponta para os detalhes, permite aproximar-se das realidade do campo, sua ótica e significados, portanto, é um instrumento adequado quando se deseja captar elementos complexos no contexto do

campo estudado. Flick (2004) salienta que a observação pode atuar como um instrumento auxiliar a outros mecanismos de coleta de dados.

O procedimento de análise dos dados utilizado foi a análise de conteúdo. Segundo Mozzato e Grzybovski (2011) e Colbari (2014) a análise de conteúdo é um procedimento que volta-se para a comunicação como meio de ultrapassar as incertezas e produzir dados que representem o fenômeno pela voz de seus praticantes. Dessa forma, segundo Minayo (1998) e Colbari (2014), existem diversas formas de proceder uma análise de conteúdo, como por expressão, relações, avaliação, enunciação e temática. Neste trabalho, utilizouse a análise de conteúdo categorial temática, caracterizada por utilizar os termos temáticos que sobressaem-se na fala dos participantes com o intuito de revelar os sentidos presentes nas falas e interpretá-los de modo que contribuam para o avanço dos conhecimentos do fenômeno (MINAYO, 1998).

De acordo com Bardin (2006), Minayo (1998) e Colbari (2014) alguns procedimentos devem ser executados em uma análise de conteúdo, são eles: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. A pré-análise consiste na organização do material, de modo a facilitar o processo de análise dos materiais coletados (BARDIN, 2006; COLBARI, 2014). A exploração do material é a sistematização dos achados em categorias, dispostos por homogeneidade, como: repetição de palavras, frases e temas (BARDIN, 2006; COLBARI, 2014). Por fim, o tratamento e interpretação dos dados, comparando, confrontando as categorias, e tecendo apontamentos sobre as convergências e divergências (BARDIN, 2006).

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a realização dos procedimentos de coleta e análise dos dados, foram confeccionadas quatro categorias, a saber: Condições de trabalho da universidade; relação com os alunos; recursos usados na sala de aula; posicionamento em sala de aula.

CATEGORIA CONDIÇÕES DE TRABALHO DA UNIVERSIDADE

O espaço físico onde as aulas são ministradas é elemento influenciador do processo de ensino e aprendizagem. Segundo os docentes participantes a estrutura física oferecida pela universidade é suficiente; as salas de aulas são limpas, porém a instalação de um dos prédios do departamento de administração possui forte cheiro de mofo, que além de ser desagradável, também pode oferecer risco à saúde de estudantes e profissionais. A estrutura física deve favorecer o desenvolvimento da atividade de trabalho, sem prejudicar o trabalhador no âmbito físico e não físico, visto que durante a ministração das aulas há o uso de si pelos outros, devido o docente aplicar nessa atividade seus conhecimentos e saúde em favor dos alunos e instituição (NOURAUDINE et al., 2004).

Segundo os docentes há uma demanda pela melhoria do espaço físico das salas de aula quanto aos equipamentos de mídia, como: *Datashow* e autofalantes, para que estejam instalados de modo fixo, pois, os docentes precisam carregar e montar os equipamentos em cada sala de aula. Esse processo de carregar, abaixar, montar os equipamentos também representa um risco a saúde dos docentes. Além de demandar dos professores a administração do tempo, avaliação da repercussão de como esse tempo gasto na montagem e desmontagem dos equipamentos, no processo de solução de outros problemas decorrentes, como: o mau funcionamento de um cabo, uma extensão, irá afetar o planejamento das aulas. As situações mencionadas expressam igualmente os usos dos sujeitos pela instituição – uso de si pelos outros – e os usos que o próprio sujeito faz das

experiências desenvolvidas ao longo da carreira – uso de si por si (NOURAUDINE et al., 2004; SCHWARTZ, 2000).

Em uma das observações uma professora estava exibindo um filme para os alunos com o uso de computadores e do *DataShow*. No meio da apresentação do filme o computador desligou, a docente levantou-se e verificou o que estava acontecendo, um aluno se prontificou a ajudá-la. Enquanto o discente estava resolvendo a questão da projeção a docente utilizou essa pausa inesperada para apontar questões relativas a disciplina que já poderiam ser notadas pelos discentes. A docente analisou a situação com rapidez e remodelou seu planejamento, ela não faria essa fala no meio do filme, mas o fez para garantir que os alunos não ficassem dispersos. Os saberes da prática docente foram evocadas pela docente para saber como atuar diante dessa situação, de modo a manter o controle sobre a aula (SALES, 2017; FÁVERO E PASINATO, 2013).

Igualmente é possível observar a utilização dos saberes investidos quando os docentes realizam a administração do tempo para organiza-se para ter máximo aproveitamento do tempo em sala sem ultrapassar os limites entre as aulas (SALES, 2017), conforme apresentado na fala do participante 2: “Se me perguntar ali, dentro do limite da aula, vai chegando 9h, eu vou arrumando minhas coisas, saio. Eu vou conversando com ele, mas eu não fico em sala pra não atrapalhar o outro professor” <sic> (PROFESSOR PARTICIPANTE 2).

Outra demanda apresentada pelos professores com relação ao espaço físico de trabalho, foi a questão de sanitários e bebedouros, que não ficam próximos a sala dos professores e para alguns o fato de não haver sanitários e bebedouros exclusivos para os docentes é uma questão desagradável e que torna a realização do trabalho mais dispendiosa. Dessa forma, essa é igualmente uma situação de uso de si pelos outros, devido a instituição ser a responsável por ofertar os instrumentos de trabalho aos docentes, e haver por parte dos professores o desejo de melhoria nas condições de trabalho que lhes são ofertadas (NOURAUDINE et al, 2004).

CATEGORIA RELAÇÃO COM OS ALUNOS

Para que o ensino e aprendizagem aconteçam de forma concreta é indispensável que docentes e discentes tenham uma relação harmoniosa e cooperativa entre si. Nas turmas observadas, os docentes estimulavam a participação dos discentes, por meio da liberdade para o compartilhamento de experiências, pontos de vista (PROFESSOR PARTICIPANTE 2). Esse estímulo tem por finalidade motivar o discente a desenvolver o conhecimento, o professor tem por compromisso corrigir as respostas e apontar a direção correta, quando essa ainda não foi alcançada pelo discente (LIBÂNEO, 2002; SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012; NÖRNBERG; FÓSTER, 2016).

Os docentes demonstravam atenção, relevância ao que o aluno estava dizendo se aproximando, olhando diretamente para quem fala, incluíram o comentário do aluno na exposição do conteúdo no quadro, pediam que os alunos ouvissem com atenção o comentário do colega. Dessa forma, demonstrando que a sala de aula é performática, e que o saber não tem uma única fonte e forma, mas se constrói em conjunto (DELMAR, 2012; SANTANA, 2013). A sala de aula é vista como local do desenvolvimento do conhecimento, que se forma à medida que a teoria e a vivência prática, simulada ou real, são compartilhadas entre os estudantes e os docentes. As atividades desenvolvidas em sala de aula têm o intuito de simular situações organizacionais reais (LIBÂNEO, 2002; SCHWARTZ; BITTENCOURT, 2012; NÖRNBERG; FOSTER, 2016).

Nas observações, foi possível perceber que o comportamento dos alunos é variável, numa semana a turma estava muito participativa e na outra totalmente apática. Essa é uma condição impactante no exercício do trabalho docente. O professor precisa ler sua turma, perceber e compreender a comunicação simbólica que permeia a sala de aula, e perceber o que é possível fazer naquela aula com o conteúdo a ser ministrado e o ânimo dos alunos para tal (GRILLO, 2001; LIBÂNEO, 2002; SANTANA, 2013).

CATEGORIA RECURSOS USADOS NA SALA DE AULA

A criatividade é uma habilidade demandada pela sala de aula, tornar a exposição do conteúdo interessante para os discentes é uma atividade desafiadora (MASETTO, 2003; FÁVERO; PASINATO, 2013). Alguns instrumentos são utilizados pelos docentes para atrair e facilitar a ministração da aula, como: *slides*, vídeos, estudos de caso, etc.

Esses instrumentos quando utilizados adequadamente, com a devida preparação, podem ser um auxílio eficaz nas aulas, mas quando não, podem atrapalhar o processo do ensino e aprendizagem.

O recurso usado por todos os docentes participantes da pesquisa foi o *slide*, variando quanto a forma de uso. Durante as observações notou-se que os docentes que colocavam de pouca à média informação por *slide*, utilizavam também o quadro para fazer pontuações, escrever aspectos do assunto discutido, deram e pediram exemplos aos alunos. A aula foi mais dialogada e menos visual. No entanto, quando os docentes colocavam muita informação por *slide*, o professor falou por mais tempo, houveram menos intervenções dos alunos, não se utilizou o quadro, houve a utilização de muitos recursos do *power point*, a aula foi voltada para a informação visual.

Segundo Masetto (2003) há diversas possibilidades de ministração de aula. O autor diz que o docente deve buscar formas variadas de apresentar o conteúdo, sempre valorizando e estimulando a participação dos discentes por meio de perguntas, exemplos e o compartilhamento experiências. O autor salienta que a atenção do aluno é perdida facilmente e por isso há necessidade de evitar aulas onde o docente fale de modo ininterrupto. O aluno não consegue acompanhar a aula e assume a postura de ouvinte, realizando poucas contribuições (FIORIN, 2001; JOOSTEN, 2013). Nas turmas observadas onde os docentes utilizavam menos material visual, os alunos participaram, contavam experiências, discutiam o tema, permitindo que o professor exercesse o papel de mediador da discussão e não como expositor do conteúdo (PROFESSOR PARTICIPANTE 2).

Nessa mesma direção, a utilização de vídeos, completos ou trechos, é um recurso muito utilizado, o qual para ser eficiente precisa atender o tempo da aula. Salienta-se a importância de utilizar esse recurso após uma análise do tempo disponível, dos recursos para sua exibição, e da relevância para a disciplina. Além disso, o material deve ser trabalhado em sala de aula, de forma a evidenciar o motivo de sua aplicação em sala. Os docentes participantes utilizaram o vídeo para a realização de atividades escritas, visando mostrar que os temas das aulas fazem parte do dia a dia das pessoas, das empresas (FIORIN, 2001; DELMAR, 2012).

CATEGORIA POSICIONAMENTO EM SALA DE AULA

Na sala de aula, há uma comunicação não verbal que permeia a relação professor - aluno. Faz parte dessa comunicação o posicionamento que o professor assume na sala

de aula, o que envolve desde a posição no momento da exposição do conteúdo à realização de atividades em sala de aula.

Por meio dessa ótica, nas turmas observadas foi possível perceber que os professores revezavam entre ficar próximo ao quadro e próximo aos alunos. Alguns docentes circulavam pela sala e, quando um dos alunos fazia contribuições, caminhavam até ele, demonstrando que estavam dando atenção ao que o aluno estava falando. (PROFESSOR PARTICIPANTE 1). Esse posicionamento estimula o discente na busca pelo conhecimento, na construção da própria forma de aprender (FIORIN, 2001; LIBÂNEO, 2002; VEIGA, 2006; SILVA; BORBA, 2011; JOOSTEN, 2013; GONÇALVES; ROCHAEL, 2015). Dentro da perspectiva do trabalho docente, esse posicionamento está envolto em saberes concebidos e investidos (SCHWARTZ, 2000; SALES, 2017), que a partir das normas institucionais e da experiência conduzem o docente a saber quando dar voz ao aluno, corrigi-lo.

Esses movimentos em sala de aula perpassam o prescrito e esperado do docente na sala de aula, mas também renormalizam, criam formas próprias de tornar o trabalho possível e relevante para o docente e o discente, conforme exposto pelo participante 1: “o olhar e o circular pela sala têm uma intenção, ajudar a manter a concentração e interesse do aluno, caso contrário o tempo aula torna-se demasiado tedioso” (PROFESSOR PARTICIPANTE 1). Dessa forma, há uma comunicação não verbal presente na sala de aula, quase imperceptíveis que evoca esses saberes investidos e orienta os movimentos (SCHWARTZ, 2000; SALES, 2017), como: levantar-se da mesa, posicionar-se de pé ao seu lado, olhar para os alunos, cumprimenta-los com uma saudação cortês, há nesse momento uma sinalização para o próprio docente e para os discentes que a aula terá início.

Em outra dimensão, a forma de comporta-se na sala de aula, revela também as diferentes expectativas que compõe esse ambiente (SILVA; BORBA, 2011; MASETTO, 2003; DE VINVENZI, 2012). Assim, ao mesmo tempo que a forma de ensinar mudou e os docentes precisam adequar-se as realidades, há ainda marcas de uma visão tradicional, onde estudar é entendido como decorar (DASSOLER; LIMA, 2012; JOOSTEN, 2013). A fala do participante 3 ilustra esse conflito de expectativas “Os alunos têm dificuldade de formular respostas sozinhos”. Dessa forma, quando o docente questiona diferente do que está no texto, o aluno não consegue responder, porque ele não sabe, ele decorou (FIORIN, 2001; MASETTO, 2003; DASSOLER; LIMA, 2012; JOOSTEN, 2013).

Em alguns casos o professor precisa mudar a estratégia da aula para conseguir envolver os alunos no desenvolvimento da resposta adequada, na reflexão sobre o que está sendo colocado na aula. O planejamento do docente é que os alunos respondam as perguntas, consigam fazer as pontes, mas se isso não acontece, ele precisa renormalizar o próprio planejamento (SCHWARTZ, 2000; SALES, 2017). Dessa forma, a paciência é elemento fundamental na sala de aula. Na observação dos docentes foi possível notar diversas situações onde esse elemento foi requerido, como: reexplicar a atividade que estava sendo realizada, explicar um conceito que já tinha sido discutido no início da aula, mas como o aluno não estava atento, chegou atrasado, não conseguiu compreender e desenvolver a atividade. Em outra dimensão, houveram momentos em que a paciência do docente foi colocada à prova e esses perderam a paciência, mas de forma controlada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo investigar quais os desafios enfrentados pelos docentes nas salas de aula de administração na UFES por um olhar ergológico? Para tal,

buscou-se repensar as imagens que usualmente se lançam sobre esse espaço, por meio de um olhar sobre a atividade de ministrar aulas, os desafios e as necessidades do ensino superior em administração, mas que não se restringem a esse curso de graduação. Foram tecidas por meio de observações e questionamentos categorias formadas a partir do olhar do próprio docente sobre o trabalho, cuja as reflexões apontaram situações e realidades que demandam maior atenção da comunidade acadêmica e civil. É notório, o que se vê nas salas de aula é reflexo das ações de muitas mãos: da família; do governo; do docente e do discente, logo, a melhoria e o desenvolvimento da educação e da sala de aula demandam o envolvimento de todas essas mãos.

Durante o estudo, a teoria e o cotidiano acadêmico demonstraram que não é suficiente o conhecimento prático, antes de utilizá-lo na sala de aula o docente precisa preparar suas aulas, pensar na forma como esse será apresentado aos discentes; oralmente, verbalmente, com auxílio visual, todos esses elementos juntos, estudo de caso, música, vídeo, etc. Assim, o conhecimento prático é importante, mas não sozinho, é indispensável que o docente tenha conhecimento teórico e um arcabouço de técnicas que lhe auxiliem na escolha de quais experiências utilizar, como e quando utilizar a fim de tornar o conteúdo mais inteligível.

A sala de aula é um espaço de imprevisibilidade, que exige dos docentes preparação para enfrentar as diversas situações e realidades nela contida. Além disso, é um ambiente sensível aos humores dos alunos, a estrutura física disponibilizada pela instituição para a realização das aulas, os quais podem não favorecer a aplicação do planejamento da aula e exigir adaptações. Dessa forma, a sala de aula evidenciou-se como um ambiente performático, complexo, diverso, exigente com o docente e também com o discente. Uma contribuição desse estudo é borrar, desfocar os estereótipos que cercam a sala de aula e o trabalho docente, mostrando-a como um lugar de desenvolvimento, de compartilhamento de ideias, de profissionais que se esforçam para fazer o trabalho.

Outra contribuição deste estudo, foi salientar a importância de que a sociedade como um todo se preocupe com a educação, com as necessidades estruturais e morais que envolvem os processos educacionais. Quando os docentes nas entrevistas e observações demonstraram alguma insatisfação com a universidade, com a forma como a profissão é pensada socialmente, tem por finalidade o aperfeiçoamento das situações, a evolução do trabalho da categoria docente, para que o campo acadêmico não fique estagnado, para que os pontos que demandam atenção a recebam das instituições, do governo e da sociedade civil.

Por fim, este estudo contribui para os estudos organizacionais ao demonstrar os desafios que permeia a sala de aula, ao apresentá-la como mais do que o espaço físico onde as aulas são ministradas. Esta pesquisa apresenta a sala de aula enquanto um ambiente de diversidade complexidade, inovação, criatividade, dedicação, performático próprio ao desenvolvimento do conhecimento, do pensamento crítico, e acima de tudo, do desenvolvimento de pessoas, cidadãos conscientes e atuantes civilmente.

Para estudo futuro sugere-se que os alunos sejam entrevistados para averiguação das experiências desses com a sala de aula, quais mudanças o ensino superior em administração lhes provocou. Como limitador desse estudo, aponta-se o tempo de observação na sala de aula, sugere-se uma pesquisa longitudinal para que se consiga tecer mais contribuições no entendimento acerca do trabalho docente e apontar modos de melhorar as condições de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa:Edições 70. (Obra original publicada em 1977). 2006.
- BERNARDO, Maria Angélica Baldassa. **Desafios da Educação Superior na Atualidade**: trajetórias docentes. 2006. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo. Disponível em: <
http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-0524T072042Z-1324/Publico/Maria%20Angelica%20-%20Diss-Final-3.pdf>. Acesso em: 30. Set. 2021
- BRATICH, Jack. Observation in a Surveilled World. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5th edition. London: SAGE, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 2012. Resolução **CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em:
< http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html >. Acesso em: 14 fev. 2018.
- BRINKMANN, Svend. The Interview. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5th edition. London: SAGE, 2018.
- COLBARI, Antonia. A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, Eloísio Moulin. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional**: uma abordagem teórico-conceitual. Vitória: EDUFES, 2014. p. 241272.
- DANTON, Gian. Metodologia Científica. **Virtual Books Online M&M Editoras Ltda**, 2000/2002.
- DASSOLER, Olmira Bernadete.; LIMA, Denise Maria Soares. A formação e a Profissionalização docente: características, ousadia e saberes. In: IX ANPED SUL: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em:
<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>>. Acesso em: 16 out. 2017.
- DE MEDEIROS, Arilene Maria Soares. Docência no ensino superior: dilemas contemporâneos. **Revista Entreideias**: educação, cultura e sociedade, v.12. n. 12. 2008. Disponível em: <
<https://portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/2859/2027>>. Acesso em: 10 out. 2017.
- DELMAR, Sarah Nicole. **Don't Call Me "Professor"**: Student Perceptions Of Graduate Instructor Ethos. The College of Arts and Sciences of the UNIVERSITY OF DAYTON. Dayton, Ohio, p. 109. 2012.
- DURRIVE, Louis. Trabalho e uso de si. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007.
- FÁVERO, Altaí Aberto; PASINATO, Darciel. O Docente Universitário Como Profissional Pesquisador De Sua Própria Prática. **Revista Contrapontos – Eletrônica**. v. 13, p.195-206, set-dez 2013. ISSN 3. Disponível em:
http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4601/pdf_6>. Acesso em: 18

jul. 2016.

FERREIRA, Luciene Braz.; TORREILHA, Nara.; MACHADO, Samara Haddad Simões. A Técnica de Observação em Estudos de Administração. XXXVI ENCONTRO DA ANAPAD. Rio de Janeiro.2012. *Anais ANPAD*. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_EPQ482.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2015.

FIORIN, Italo. *Teaching*. European Education. v. 33, p. 85-96, 2001.

FLICK, Uwe. Observação, etnografia e métodos para dados visuais. In: FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004. cap. 3, p.147178.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai; GRILLO. Comunidade do conhecimento, pesquisa e formação do ensino superior. In: MOROSINI, Marília Costa; ISAÍÁ, Silvia Maria de Aguiar; ARIZA, Rafael Porlán; CUNHA, José Martín Toscano Maria Isabel da; LEITE, Denise; FRANCO, Maria Estela Dal Pai; GRILLO, Marlene Corroero. **Professor do ensino superior: Identidade, docência e formação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. p. 80. Disponível em:< http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/485922>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GONÇALVES, Rita Maria Grilo.; ROCHAEL, Magda Cristina Nascimento. A Importância Da Didática Para A Formação Do Docente Do Ensino Superior. **Revista Científica da FEPI**. v. 7, 2015. Disponível em: <<http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/253>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GRILLO, Marlene Corroero. O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In: MOROSINI, Marília Costa; ISAÍÁ, Silvia Maria de Aguiar; ARIZA, Rafael Porlán; CUNHA, José Martín Toscano Maria Isabel da; LEITE, Denise; FRANCO, Maria Estela Dal Pai; GRILLO, Marlene Corroero. **Professor do ensino superior: Identidade, docência e formação**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. p. 80. Disponível em:< http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/485922>. Acesso em: 18 jul. 2017.

JOOSTEN, Henriëtta. Learning and Teaching in Uncertain Times: A Nietzschean Approach in Professional Higher Education. **Journal of Philosophy of Education**. v. 47, p.548-563, 2013.

LIBÂNIO, José Carlos. **O ensino de graduação na universidade: a aula universitária**. [s.d]. Disponível em: <<http://www.difdo.diren.prograd.ufu.br/Documentos/Texto3Oensino-de%20graduacaoA-aula-universitaria.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática: velhos e novos Temas**. Goiânia: Edição do autor, 2002.

MASETTO, Marcos Tarciso. Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. In: MASETTO, Marcos Tarciso. **Docência universitária: repensando a aula**. 2. ed. [S.l.]: [s.n.], 2003. p. 79108.

MEDEIROS, Arilene Maria Soares. Docência no ensino superior: dilemas contemporâneos. **Revista Faced**. v. 12, p. 71-87. 2007. Disponível em: http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/tx_7_docencia_dilemas.pdf >. Acesso em: 18 jul. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

NÖRNBERG, Nara Eunice; FORSTER, Mari Margarete dos Santos. Ensino Superior: as competências docentes para ensinar no mundo contemporâneo. **Revista Docência Ensino Superior**. v. 6. p. 187-210. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/1384/1473>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

NÓVOA, António. Os professores e a história de sua vida. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007. p.11-30.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A Reestruturação Do Trabalho Docente: Precarização E Flexibilização. **Revista Educação e Sociedade**. v. 25. p. 1127-1144. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **A complexidade do trabalho docente na atualidade**. [s.d]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/91596936/AComplexidade-Do-Trabalho-Docente-NaAtualidade>>. Acesso em: 20 out. 2017.

RABELO, Amanda Oliveira. Formação dos professores em nível superior no Brasil: da promulgação da Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN/1996) até os dias atuais. **Educere**. v. 20. n. 67. p.505-514. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/356/35654966006/html/>>. Acesso em: 30. Set. 2021.

SALES, Mônica Patrícia da Silva. **Trabalho docente na educação superior**: uma análise a partir da Teoria das Representações Sociais e Ergologia. 2017. 219f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/26899/1/TESE%20M%c3%b4nica%20Patr%c3%adcia%20da%20Silva%20Sales.pdf>>. Acesso em: 30. Set. 2021.

SANTANA, Allyne Cupertino Lopes de. A Representação Do Professor Universitário Na Sociedade Contemporânea. **Revista Primus Vitam**. p. 1-23, 2013. Disponível em: http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_5/allyne.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SCHWARTZ, Suzana; BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. Quem É O “Bom Professor” Universitário? estudantes e professores de cursos de licenciatura em pedagogia dizem quais são as (ideais) qualidades deste profissional. IX ANPED SUL SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1423/976>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

SCHWARTZ, Yves. Trabalho e uso de si. **Pro-Posições**. São Paulo, v. 1, n. 5, p. 34-50, 2000.

_____. A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP). In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.).

Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007. P.147-164

SCHWARTZ, Yes.; DURRIVE, Louis. **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007.

SILVA, Regina Nogueira da; BORBA, Enersto Oliveira. **A Importância da Didática no Ensino Superior**. 2011. Disponível em:

<http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/75a110bfebd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf> >. Acesso em: 18 jan. 2018.

TRINQUET, P. Trabalho e educação: o método ergológico. *Revista HISTEDBR Online*, v. 10, n. 38, 2010. Disponível em:

<<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3432/3053>>. Acesso em 10 set. 2021.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência Universitária Na Educação Superior**. In:

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência Universitária na Educação Superior**. Brasília: Inep, 2006. p. 85-96. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/2130.pdf> >. Acesso em: 25 jul. 2016.

VIEIRA, Valter Afonso. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. *Revista da FAE*. v.5. n.1. p. 61-70. 2002. Disponível em:

< <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/449>>. Acesso em 04 jan. 2016.

ZANELLI, José Carlos. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2002. Disponível em:

< <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v7nspe/a09v7esp.pdf> > Acesso em: 11 nov. 2017.